

A crise e o povo

Diz a anedota que o ditador Vargas tinha um auxiliar que lhe prestava serviço inestimável: relatar-lhe todos os dias o humor popular nas ruas. Não quero, com isso, dizer que o presidente da República deva ou devesse ter tido um funcionário para reportar-lhe o humor popular. Mas não custa buscar traduzir o sentimento de alguns para que, os olhos do dr. Mabuse vendo, não necessite colocar seus ouvidos para saber o que se passa. Dr. Mabuse, para os jovens que não chegaram a conhecê-lo, era um personagem de Fritz Lang, que tinha mil olhos e mil ouvidos — não sei se o sucessor ou o precursor do Grande Irmão.

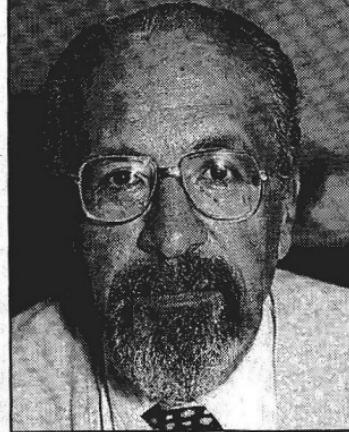
O pacote do governo não afeta imediatamente e diretamente os que não são funcionários públicos. Apesar disso, o sentimento generalizado que existia antes da quarta-feira era que o ano de 1999 será muito ruim. O governo agiu bem ao dizer que a situação é difícil, pois assim, pelo menos, fará que os que conseguiram adquirir "espírito econômico" durante o período inflacionário e o mantiveram após o Plano Real, saberão prever-se agora, antes das festas natalinas, que não terão, estou certo, o calor de que se revestiam no passado.

O temor que se pode perceber não vem do fato de que a CPMF será aumentada. Se não chegar aos 0,38% anunciados, ficará nos 0,30% que o senador Antônio Carlos disse serem palatáveis. Não sentiremos esse aumento de 0,2% para 0,3% nesta lenta hemorragia interna que consome a Nação. O medo vem do indefinido. Aliás, é isso exatamente que o define: o medo e a angústia que o acompanha decorrem do fato de não sabermos o que nos espera amanhã. O medo da morte é isto: que virá depois? Os que têm fé — na resurreição, na transmigração das almas, nas húries do Profeta (seu nome seja louvado), no Nada absoluto —, esses não têm medo da morte. Os outros, os incrédus,

ses sim. Têm medo porque não sabem o que os espera. Por isso se agarram à vida, mesmo sofrendo neste "vale de lágrimas".

É esse sentimento indefinido de medo do que os aguarda no próximo ano que assalta muitos, especialmente depois de ouvirem pessoas de responsabilidade, como consultores, ex-ministros, dirigentes de entidades patronais falarem na recessão que virá. Que não é inevitável, embora sua probabilidade seja grande. Temem perder a possibilidade real de usufruírem aquilo a que julgam ter direito — um direito abstrato para os intelectuais, mas concreto para os simples.

Muitas vezes conseguimos superar o medo, nutrindo a esperança de que o amanhã será melhor — embora esse amanhã possa estar recuado no tempo. Mesmo não tendo fé na ressurreição, os que temem a morte alimentam a esperança de que as palavras de Cristo sejam verdadeiras, e as de Paulo mais ainda. Hoje, para muitos, a esperança está desfeita. Desfez-se ao longo de um lento processo em que ao mesmo tempo a moeda se mantinha estável e boa parte da população sentia no seu coração a falta de alguma coisa. Essa "coisa", os que só sabem falar economia não eram capazes de perceber o que fosse — aliás, nem se pre-



■ Oliveiros S. Ferreira é jornalista

Há um sentimento difuso de medo acompanhado da falta de esperança no dia de amanhã

cupavam em saber que a "coisa" existia. No entanto, estava em muitas das pesquisas de opinião em que o prestígio do presidente e do Plano Real aparecia com altos índices de aprovação. Nelas, podia ler-se que os políticos eram malvistos, os empresários, denegridos, o sistema político como um todo, detestado. Sobretudo, lia-se que políticos e empresários não mereciam nenhuma confiança. Se se interpretasse bem esses dados, seria possível ter-se idéia aproximada do que fosse a "coisa": a falta de uma liderança política mobilizadora das massas. Ninguém prestou atenção. O resultado é que o medo aí está e a esperança se desfez.